

**A ORGANIZAÇÃO INTELLECTUAL, FÍSICA E A PRESERVAÇÃO DAS PLANTAS ARQUITETÔNICAS DO ACERVO CARTOGRÁFICO DO ARQUIVO MÚCIO LEÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.**

Dayane da Silva<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar análises e reflexões que decorrem das atividades do Projeto Cartográfico do Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras. Mostra as relações do acervo cartográfico com a instituição e o porquê do projeto ser realizado. Apresenta a metodologia de organização intelectual e física; e as técnicas de conservação e restauração nas plantas arquitetônicas e os próximos passos para finalização do projeto. Discute as técnicas e as metodologias arquivísticas empregadas no Projeto Cartográfico. Conclui que há um enfoque na parte de recuperação dos arquivos cartográficos e que o mesmo não ocorre quando se trata das teorias arquivísticas; e mostra a importância da conservação e preservação das plantas arquitetônicas.

**Palavras-chave:** Arquivologia. Arquivo cartográfico. Plantas arquitetônicas. Preservação de plantas arquitetônicas.

## **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho tem como proposta mostrar as análises e reflexões que decorrem de atividades da organização intelectual e física, da conservação e restauração do Projeto Cartográfico do Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras (ABL).

O Projeto Cartográfico foi idealizado em 2013 quando se notou a necessidade de uma reorganização no arquivo cartográfico que é formado por plantas arquitetônicas. O Projeto possui uma vertente intelectual (índice e definição) e física (arquivamento, conservação e restauração).

As plantas são documentos permanentes na instituição. Nos últimos anos houve um crescente número de consultas ao acervo. Houve, também, um aumento em unidade documental, pois muitas plantas estavam guardadas em caixas e/ou pastas e não havia nenhuma sinalização, na maioria dos casos, da existência das mesmas nos instrumentos de recuperação, como o índice.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [dne.dasilva@gmail.com](mailto:dne.dasilva@gmail.com)

O acervo cartográfico é constituído por plantas, fachadas, cortes, perspectivas e vistas dos imóveis pertencentes à ABL, como por exemplo, o Petit Trianon, Palácio Austregésilo de Athayde, Solar da Baronesa de Muriaé, Mausoléu da Academia, entre outros. Esses documentos são datados do início do século XX até os dias de hoje, o que demonstra que o arquivo contém um número significativo de plantas arquitetônicas, embora sua atividade-fim<sup>2</sup> não esteja relacionada com o campo da Arquitetura.

Inicialmente examinei as relações entre o acervo cartográfico e a instituição, considerando que as plantas arquitetônicas são avaliadas como permanente, e quais os valores patrimoniais e culturais que elas representam para a Academia Brasileira de Letras. Depois, detalhei o Projeto Cartográfico situando quando surgiu à necessidade de fazê-lo, se houve problemas na aplicação de conceitos arquivísticos como o respeito aos fundos, a ordem original e a descrição. E apresentei, também, como estão sendo realizados os procedimentos para a preservação, para a reorganização física e para a recuperação da informação, considerando o objetivo de facilitar o cotidiano dos pesquisadores/usuários e também dos funcionários do arquivo que precisam lidar com esses documentos.

## **2 O ARQUIVO CARTOGRÁFICO E A ABL**

A Academia é uma instituição privada sem fins lucrativos e um dos meios de obter receita é através de doações feitas à instituição<sup>3</sup>. Através de uma dessas doações que o Arquivo Cartográfico começou a ser constituído.

Em 1917, a Academia recebeu uma doação através da herança deixada pelo livreiro Francisco Alves, e a maior parte da herança deixada era constituída por imóveis. O acervo, então, começou a ser constituído através de uma planta do prédio da Uruguaiana, número 106 do ano de 1918, um dos imóveis herdados do Francisco Alves.

Os imóveis são uns dos meios de arrecadação de receita pela Academia e por isso há um acervo significativo e esse acervo é permanente na instituição. Segundo Morris Rieger, os documentos secundários possuem quatro valores. O acervo cartográfico, para a Academia, possui dois desses valores apresentados por Rieger: “os [documentos] que possuem valor de testemunho ou de ‘documentação funcional’, isto é, refletem a evolução histórica da administração de origem” e “os [documentos] que continuam a apresentar valor administrativo (...) depois de ter perdido seu

---

<sup>2</sup> A atividade-fim da Academia Brasileira de Letras, segundo o seu estatuto, é “Art. 1º - A Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional (...)” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2004, p. 5).

<sup>3</sup> “Art.37 – As receitas da Academia compreendem (...) (de) doações feitas, de qualquer ordem e origem (...)” (Id., 2004, p. 22).

valor primário para as operações correntes.” (RIEGER, 1979 apud. BELLOTTO, 2004, p. 118, 119).

Além das plantas conterem esse valor histórico para a instituição, elas possuem um valor cultural já que dois imóveis pertencentes à ABL são tombados: o Petit Trianon, que é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)<sup>4</sup>, e o Solar da Baronesa de Muriaé, que é tombado pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN)<sup>5</sup>. Ambos os imóveis se localizam no Estado do Rio de Janeiro.

Por esse acervo ser permanente, por estar crescendo em unidade documental, além da forma da recuperação utilizada não ser tão eficiente e o armazenamento dessas plantas serem inadequadas, que notou-se a necessidade de elaborar um projeto para solucionar tais problemas. E então, no ano de 2013, foi elaborado o Projeto Cartográfico<sup>6</sup>.

### 3 PROJETO CARTOGRÁFICO

O Arquivo Múcio Leão foi implantado na ABL no ano de 1997, sendo que já existiam plantas na instituição, guardadas em algum departamento. Com a instalação do Arquivo, as plantas arquitetônicas foram incorporadas e começaram a receber o tratamento arquivístico adequado para aquele tempo e situação. O tratamento dado para esse acervo foi voltado para a recuperação dos documentos. Contudo, a organização e metodologia adotadas já não estavam sendo suficientes, pois o acervo aumentou, por razões de reformas e reparos nos prédios, arredamento e até permutas, além do aumento nas consultas ao acervo cartográfico. E com isso viu-se a necessidade de uma reorganização no acervo.

#### 3.1 ORGANIZAÇÃO INTELECTUAL

Por ser um documento com a peculiaridade de ter grandes dimensões o tratamento deve ser diferenciado, para melhor preservação e manuseio para recupera-lo. O projeto começou com a retirada das plantas das pastas e caixas. Muitas plantas foram arquivadas com os demais documentos de arquitetura (memoriais descritivos, especificações, avaliações técnicas, entre outros.) ou com os documentos administrativos (correspondências, inspeção técnica realizada pela

---

<sup>4</sup> O Petit Trianon foi tombado em 09/11/1987. Número do processo: E-03/013.031/78. [http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens\\_tombados/detalhar/257](http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/257) Acessado em 26 de agosto de 2015.

<sup>5</sup> O Solar da Baronesa de Muriaé foi tombado em Julho de 1974. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista\\_Bens\\_Tombados\\_pelo\\_Iphan\\_%202015.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_Bens_Tombados_pelo_Iphan_%202015.pdf) Acessado em 26 de agosto de 2015.

<sup>6</sup> O Projeto foi idealizado, em 2013, pela estagiária Valéria Chagas e a arquivista Cintia Overvag. Começou a ser executado em 2014 por mim, que era estagiária na instituição, com a supervisão da arquivista Cintia Overvag. Em 2015 o Projeto começou a ser supervisionado pela arquivista Ana Renata Tartaglia e, em 2016, executado pela estagiária Ester Castro.

Engepred<sup>7</sup>, etc.), pois quando o Arquivo Múcio Leão foi implantado não tinha o mobiliário adequado (mapoteca) para acondicionar as plantas arquitetônicas.

Após a compra do mobiliário adequado, as plantas recolhidas eram arquivadas na mapoteca e outras eram arquivadas junto com o conjunto documental na qual pertenciam, ou seja, nas caixas e pastas. As outras plantas que se encontravam nas caixas e pastas do arquivo, antes da compra da mapoteca, permaneceram nas mesmas. Muitas nem estavam sinalizadas de que estavam arquivadas, então as plantas que foram removidas das caixas e pastas foram a mais do esperado.

Como a primeira organização retirou as plantas dos seus conjuntos documentais e não sinalizou em nenhum instrumento qual planta pertencia a qual conjunto documental, foi respeitado essa metodologia no projeto. Entretanto, desde a primeira organização, acabou-se perdendo a organicidade. Segundo Bellotto (2004, p. 88), o princípio da organicidade é “as relações administrativas orgânicas [que] refletem-se nos conjuntos documentais.” É muito frequente que arquivos que contém acervos de arquitetura “sejam organizados tematicamente, descontextualizados do restante da documentação com a qual foram produzidos, trazendo à tona um índice de recuperação informacional muito menor do que se estivesse junto ao conjunto documental com o qual foram produzidos.” (VIANA, 2011, p. 31)

E é essa situação que se encontra na ABL. O Projeto Cartográfico é focado em métodos mais eficazes para a recuperação mais rápida dessas plantas, na preservação e na descrição delas posteriormente. A proveniência é respeitada já que todas as plantas são originadas da mesma instituição, nesse caso a ABL. É importante ressaltar que a Academia não tem sob custódia fundos de outras instituições, logo, não há como mesclar documentos que não são originários da instituição.

Contudo, essas plantas não provêm das mesmas atividades e isso faz com que não se saiba de qual série<sup>8</sup> cada uma pertence. Bellotto (2004, p. 88) diz que “por esse princípio [da proveniência], os arquivos devem ser organizados obedecendo à competência e às atividades da instituição (...) responsável por sua produção, acumulação e guarda de documentos.” Os documentos arquitetônicos (textual) estão organizados obedecendo às competências e atividades das quais foram produzidos, mas como as plantas necessitam do acondicionamento diferenciado, em mapotecas, acabou-se perdendo esse vínculo com esses documentos.

---

<sup>7</sup> Instituição que administra propriedades da ABL (diversos imóveis do Rio de Janeiro e do Belo Horizonte da ABL). <http://www.engepred.com.br/clientes.php> Acessado em 16 de maio de 2016.

<sup>8</sup> Série é, segundo Schellenberg (1974, p. 69), “um grupo de documentos, pastas ou dossiês reunidos por se relacionarem com uma atividade específica.”

Não há nenhum problema em o documento com o gênero do qual implica cuidados especiais para a sua preservação se encontrar separado do seu conjunto documental fisicamente. A questão está quando essa separação física migra para a separação intelectual e esses documentos acabam perdendo o seu contexto de criação. Segundo Marilena Paes (2004, p. 123) “estes [os documentos] podem ser *fisicamente* armazenados em locais diversos, desde que sejam feitas as referências correspondentes no fundo [ou série] ao qual pertencem.”. A lacuna do acervo cartográfico da ABL é exatamente essa falta de referência de qual série as plantas pertencem. Não há uma remissiva nem no índice das plantas para ligar com o conjunto documental da qual pertencem e vice-versa.

Entretanto existe a possibilidade de resgatar essa organicidade (ou tentar). Contudo para isso demanda um pouco de tempo e pesquisa. A falta de organicidade não interfere tanto nas pesquisas ao acervo, pois quando o pesquisador interno solicita uma planta ele não exige o memorial descritivo dela, por exemplo. Esse pesquisador só está interessado na informação contida na planta.

Por isso o Projeto é mais focado na parte da recuperação dessa documentação porque a demanda de pesquisa é sempre isolada. Mas se houvesse essa interação das plantas com os conjuntos documentais amarraria o contexto de criação e com isso apareceria mais informações referente a esses documentos.

### 3.2 ORGANIZAÇÃO FÍSICA

Como houve uma retirada muito grande de plantas, foi inevitável o aumento do acervo, logo foi necessário pensar na organização física. Para melhor acomodação das novas plantas com as antigas foi feita uma revisão no índice existente. Ao revisar esse índice, percebemos problemas na ordem em que as plantas foram registradas e isso acarretava em uma ineficiência na organização física do acervo.

Para melhor acomodação e manuseio com as plantas, revisamos a metodologia para a incorporação dessas plantas no índice. Antes a metodologia, seguia as seguintes normas:

- 1º Identificar o imóvel da qual a planta se tratava;
- 2º Identificar o tipo de planta (se era uma planta baixa, fachada, situação, localização, entre outros);
- 3º Identificar o pavimento (de qual local/setor do imóvel trata a planta, andar, etc.);
- 4º Identificar a data cronológica (caso a planta não tivesse a data, era inserida no final do índice);
- 5º E por fim, a notação nessa planta.

Essas normas eram obedecidas, também, ao recuperar esses documentos. Entretanto percebeu-se que quando o pesquisador solicitava uma planta, essas normas não continham precisão alta e não recuperava o documento solicitado de forma rápida. Então analisamos como era realizado

esse pedido e percebemos que o usuário solicitava sempre a planta pelo nome do imóvel, o pavimento e, então, o tipo de planta que estava buscando. Ou então requestava um local específico. Com essa análise, fizemos algumas alterações na metodologia que empregávamos.

Agora a metodologia segue esses procedimentos:

- 1º Identificar o imóvel;
- 2º Identificar o pavimento e sinalizar, se a planta mostrar, qual o local específico (se é a biblioteca, se é do teatro, do centro de memória, entre outros);
- 3º Identificar o tipo de planta (se é baixa, de execução, de detalhe [qual tipo de detalhe é: instalação de esgoto, hidráulica, etc.], fachada, entre outros);
- 4º Identificar a data;
- 5º Dar a notação das plantas.

Para realizar essas pequenas mudanças, mas que agilizam no momento da recuperação da informação, no procedimento de entrada das plantas no índice, foi necessária uma pesquisa na literatura da área, até para saber quais os procedimentos de organização, tanto física e intelectual, seriam os mais adequados. E foi nesse momento que notamos o quão escassa é a literatura de documentos arquitetônicos na arquivologia e o quão confuso é a terminologia exata no campo dos arquitetos. Esses dois problemas dificultaram um pouco a realização dessa reorganização, pois foram dias pesquisando sobre o tema e tendo um pequeno retorno.

É importante conhecer as definições dos tipos de documentos arquitetônicos existentes, pois sabendo a diferença desses tipos conseguimos identificar corretamente a mesma. É útil saber o porquê uma planta é baixa e a outra é de execução; ou qual a diferença entre uma planta de localização e situação. Por não ter essas definições concretas antes do projeto acontecer, muitas plantas foram identificadas erroneamente. Uma planta que era de localização era identificada como uma planta de situação, por exemplo. Então para evitar esses erros de identificação, foi feita uma pesquisa para maior entendimento desses tipos de planta e dos documentos arquitetônicos em geral.

Com esses detalhes resolvidos, começamos a parte da organização física no acervo. Sempre junto com o índice, analisamos planta por planta para entender e comparar se havia cópias. Foram localizadas muitas cópias no acervo, cerca de 400 plantas. Após a retirada das cópias da mapoteca e do índice, reorganizamos a acomodação das plantas na mapoteca e demos uma nova notação para elas.

Com essa etapa concluída, começava a etapa da conservação e pequenos restauros das plantas.

#### **4 CONSERVAÇÃO E RESTAURO DAS PLANTAS ARQUITETÔNICAS**

A preservação é um termo que engloba três conceitos: o de conservação, conservação preventiva e restauração. Como diz Sérgio de Albite Silva (1998, p. 9), a preservação “é o ‘guarda-chuva’, sob o qual se ‘abrigam’ a conservação, a restauração e a conservação preventiva.” Ainda segundo o autor, a conservação é uma reunião de métodos que visam “melhorar o estado físico do suporte, aumentar sua permanência e prolongar-lhe a vida útil, possibilitando, (...) o seu acesso por parte das gerações futuras.” Já a restauração é uma reunião de métodos que visam o reparo do documento, “(...) o mais próximo possível, o estado original (...)” quando esse já está danificado. Convém ressaltar que para os documentos digitais a preservação se encontra na “responsabilidade de determinar as escolhas mais adequadas de reformatação de suporte para transferência da informação”. (SILVA, 1998, p. 9)

No acervo cartográfico há 23 CDs com plantas e outros tipos de documentos arquitetônicos. A conservação e restauração no acervo, no momento, estão sendo feitas apenas no suporte de papel. Contudo, a conservação preventiva acontece em todo o acervo com o controle de umidade do ar, sistema contra incêndio, entre outros procedimentos, e já está sendo pensado em algum método para a conservação dessas plantas no suporte digital.

Com o objetivo de melhorar a guarda das plantas; o manuseio e prolongar a vida das mesmas; decidimos planificá-las, pois o acervo encontrava-se enrolado e dobrado; restaurar as plantas danificadas; e colocar o invólucro de poliéster nas plantas para sua melhor conservação<sup>9</sup>.

Para iniciar o processo de preservação é enviada ao Núcleo de Conservação e Restauração<sup>10</sup> aproximadamente 100 plantas por mês, o que equivale na mapoteca, uma gaveta. O tempo de todo o processo varia muito porque depende do estado de conservação de cada planta, ou seja, tem gavetas que as plantas estão menos danificadas e outras que estão mais danificadas.

---

<sup>9</sup> Esses processos de conservação e restauração são supervisionados pela arquivista restauradora Renata Ferreira e foram executadas por mim. Antes de executar essa etapa, recebi o treinamento necessário.

<sup>10</sup> O Centro de Memória conta com um Núcleo de Conservação e Restauração que cuida da preservação e restauração dos documentos do Centro como um todo.

Figura 1: Plantas do acervo cartográfico antes do processo de conservação e restauro.



Fonte: Acervo Pessoal

Agora listarei as técnicas empregadas para que as plantas fiquem melhor acondicionadas e, logo, facilitam o manuseio do pesquisador.

Primeiro é feito a planificação das plantas e é colocada a notação atrás de cada planta, escrita com lápis 6B. Nesse processo é feito a higienização, como a retirada de ferrugem, fungos, e fita adesiva, caso tenha.

Figura 2: planta antes da planificação.



Fonte: Acervo Pessoal

Depois, já com as plantas planificadas, são separados os documentos que estão danificados (rasgados, furados, quebradiços) para começar a restauração. A restauração é feita com enxertos de papel japonês goyu e em casos mais extremos de fragilidade utiliza o método de velatura com o papel japonês tengujo 10g e esse papel é fixado com o Carbox Metil Celulose (CMC). Utilizamos o CMC, pois caso queiramos por algum motivo retirar esse enxerto conseguiremos retirar sem causar nenhum dano ao documento. Todo o restauro nos documentos realizados pelo Núcleo podem ser revertidos.

Figura 3: planta já planificada e com o restauro realizado nas áreas danificadas.



Fonte: Acervo Pessoal

Com as plantas planificadas e restauradas é o momento de colocar o invólucro de poliéster. Após envolver as plantas nesse invólucro, o poliéster é selado na máquina de solda e então é colocada a notação no poliéster, com etiqueta autoadesiva.

Figura 4: planta com o invólucro sendo selado na máquina de solda.



Fonte: Acervo Pessoal

Com essa política de preservação no acervo é possível que os documentos tenham a sua vida prolongada, e assim, os suportes, e as informações neles contidas, fiquem mais tempo disponível para os pesquisadores.

## 5 FINALIZAÇÃO DO PROJETO

Os próximos passos para a finalização do projeto é a conclusão da etapa de selagem e etiquetagem das plantas, revisão geral do índice e a confecção do relatório de conclusão do projeto. A digitalização e descrição, no software SOPHIA Acervo, das plantas selam o projeto. Essas etapas estão previstas para o ano de 2016.

A descrição obedecerá à norma da Norma Brasileira de Descrição Arquivística, a NOBRADE e será descrito no software SOPHIA Acervo, que é um software voltado para acervos arquivísticos. Foram desenvolvidos no SOPHIA Acervo, para a descrição das plantas arquitetônicas, metadados específicos para o acervo cartográfico, para que toda a informação

necessária esteja no banco de dados, e assim, possa recuperar esses documentos de forma precisa e eficaz.

## 6 CONCLUSÃO

As plantas arquitetônicas na instituição possuem valores culturais e patrimoniais e são documentos permanentes. O aumento nas pesquisas internas e na unidade documental do acervo intensificou a preocupação de melhor preservá-las, para que assim, elas tenham maior durabilidade. Há aplicação dos métodos arquivísticos (identificação, classificação, avaliação, etc.)<sup>11</sup>, mas os enfoques são em métodos para recupera-las, de forma precisa.

Observa-se a perda da organicidade por conta da necessidade de acomodar, fisicamente, as plantas arquitetônicas em mobílias adequadas, por conta das suas grandes dimensões. Essa medida de arquivar em local separado do seu conjunto documental é para garantir a sua melhor conservação, porém nada pode afetar na sua organização intelectual. Quando separado, fisicamente, esse documento de grande dimensão do seu conjunto documental é necessário que se tenha registrado de qual fundo/série esse documento pertence, para que fique claro de qual produtor e/ou atividades esse documento provém.

A organização física do acervo é essencial para melhor conservação das plantas e manuseio no momento de recuperar esse documento fisicamente. Para a melhor organização física, foi necessário rever a metodologia utilizada para a incorporação dessas plantas no acervo, para que houvesse precisão na recuperação das mesmas.

Mas não adianta ter métodos bons para a recuperação do documento se o suporte estiver comprometido e, com isso, a informação ficar comprometida também. Por isso a necessidade de criar políticas de preservação (conservação, conservação preventiva e restauração). A conservação e restauração acontecem em etapas: a primeira é a planificação, já que as plantas estavam enroladas e/ou dobradas, com a higienização; a segunda é a restauração das plantas danificadas, com padrões atuais da restauração; a terceira etapa é o acondicionamento no invólucro de poliéster; e a quarta, e última, é a selagem do poliéster e a etiquetagem.

Com os próximos passos para a finalização do projeto, a digitalização e descrição, fecha a reorganização do acervo cartográfico. Após a finalização, serão realizadas manutenções necessárias para conservar o acervo organizado.

---

<sup>11</sup> Ainda não há aplicação do Plano de Classificação e a Tabela de Temporalidade, pois ainda não estão prontos. Os instrumentos estão sendo revisadas para aprovação.

O projeto levantou a questão da importância do devido tratamento para as plantas arquitetônicas, incluindo a organização intelectual e física e a preservação das mesmas.

## ABSTRACT

This work aims to present analyzes and reflections arising from the Cartographic Project activities Múcio Leão archive of the Brazilian Academy of Letters. Shows the relationships of the cartographic archives with the institution and why the project is realized. It presents the methodology of intellectual and physical organization; and the conservation and restoration techniques in architectural plans and next steps for project completion. Discusses the techniques and methodologies used in archival Cartographic Project. It concludes that there is a focus on the recovery of cartographic archives and that the same does not happen when it comes to archival theories; and shows the importance of conservation and preservation of architectural plans.

**Keywords:** Archive Science. Cartographic Archive. Architectural plans. Preservation of architectural plans.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Estatutos & Regimento Interno**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. p.5, 22.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Análise diplomática e análise tipológica dos documentos de arquivo. In: **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 88.

PAES, Marilena Leite. Arquivos Permanentes. In: **Arquivo teoria e prática**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 123.

SHELLENBERG, T.R. Princípios de classificação. In: **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Trad. Nilza Teixeira Soares, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1974. p. 69.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **Algumas reflexões sobre a preservação de acervos em arquivos e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998. p. 9.

VIANA, Claudio Muniz. A organização da informação arquivística em arquivos de arquitetura do núcleo de pesquisa e documentação da faculdade de arquitetura e urbanismo – UFRJ. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis, v.16, n. 32, p. 23-39, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16nesp1p23>>. Acesso em: 30 ago. 2015.